

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NA ÁREA TECNOLÓGICA: PROJETO DE CURSO TECNOLÓGICO E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Marilene Maria SCHMIDT*
Maria Marta FURLANETTO**

ABSTRACT: This study aims to examine the conditions of production, location-subject, discursive memory and not-said, with respect to a project underway in the technology area of the institution X, based on some concepts of discourse analysis and subject. The curriculum of the college in question is directed to training of professionals in mechanical production. Selected for the study was a clipping from the paper, focusing on key aspects related to the structure of the course design. It is considered, this proposal which, on one hand, there are students, occupying two positions as a subject who has a history, since the company acts as developer, performing specific work function. Given what the company stands for it or how it is constituted as a subject in the workplace, there is the quest for professional recognition with new job opportunities. And in the school, this student's academic, investing in its technical and technological training, developing and perfecting themselves intellectually. The unfolding of these positions and potential conflicts in respect of the educational institution, is what is at stake here.

KEYWORDS: Discourse Analysis; design of the course; subject.

1. Introdução

A proposta curricular do curso Superior de Tecnologia em Processos de Produção Mecânica da instituição X está direcionada para a formação de profissionais na área de produção mecânica, voltada aos processos produtivos e sua gestão, visto que as empresas buscam profissionais com conhecimentos especializados para desempenhar determinadas funções, objetivando um processo produtivo na área da mecânica com mais qualidade e exatidão.

Verifica-se neste estudo alguns aspectos do projeto de um curso superior de tecnologia quanto às condições de produção, posição-sujeito, memória discursiva e não-dito.

De um lado, há o aluno, ocupando dois papéis enquanto sujeito, o qual possui uma história; na empresa atua como colaborador, exercendo determinada função profissional. De outro lado, há a instituição formadora, a qual tem a responsabilidade com a sociedade, empresas e o aluno – proporcionando, dessa forma, o aperfeiçoamento técnico e tecnológico do aluno a partir dos cursos que são oferecidos.

Todos os papéis sociais sofrem condicionamento relativamente ao modo como a sociedade historicamente (ideologicamente) se formou. Assim é que há a “determinação” na formação das identidades subjetivas, como explica Orlandi (2001, p. 105), ao estabelecer dois grandes momentos para compreender teoricamente as formações sociais e a subjetivação.

Para se constituir, o sujeito, na Análise do Discurso (AD), é atingido pela língua e pela história, ocupando, assim, uma posição ao se comunicar. O sujeito carrega consigo vestígios do social, ideológico e histórico.

Vê-se a importância deste trabalho, visto que o curso de tecnologia em processos de produção mecânica oferece conhecimentos ao aluno por meio de uma proposta de curso. Há

* Mestranda em Ciências da Linguagem; Universidade do Sul de Santa Catarina.

** Doutora em Linguística Aplicada; Universidade do Sul de Santa Catarina.

um projeto apresentando ao discente e à sociedade que há sentido entre a profissão que o aluno optou em se preparar, os interesses da empresa no contexto da formação social e a instituição formadora.

2. Projeto do curso

O projeto do curso superior de tecnologia em Fabricação Mecânica examinado nesta pesquisa é constituído pela atuação do corpo docente nas ocupações de direção do centro, cabendo-lhe a responsabilidade por definir, decidir, implementar e avaliar o desenvolvimento das atividades administrativas e pedagógicas da Instituição. Esta atuação se dá através de alguns grupos definidos como: comitê de gestão, conselho de educação da instituição X, conselho de curso, coordenação de curso, núcleos de negócios, diretoria e coordenação pedagógica.

O Comitê de Gestão é constituído por diretores da unidade de ensino, facilitadores dos núcleos, representantes da direção, representante dos cursos superiores e coordenador pedagógico. É um fórum local, o qual assessora, consulta e aprova, tendo como objetivo deliberar sobre a atuação da Unidade de Ensino. O conselho de educação da instituição, que é órgão deliberativo, aprecia e aprova os planos de educação dos cursos superiores de tecnologia. Já o conselho de curso, constituído pelo coordenador de curso, pelos professores do curso, por um representante do corpo discente e por representante da coordenação pedagógica, é um órgão de assessoramento que tem a função de elaborar e estabelecer a política de ensino do respectivo curso e assistir a sua realização.

A coordenação de curso atribuída a um docente, o qual está ligado à área específica do curso e deve possuir a titulação condizente à função.

Os núcleos de negócios são órgãos de apoio operacional à direção e atuam em várias áreas: questões de ensino, pesquisa e extensão. Quem exerce as atividades são especialistas de ensino, professores e outros técnicos designados pela direção da instituição de ensino.

Diretor e Diretor Adjunto constituem o órgão executivo de coordenação e supervisão das atividades da instituição, e a coordenação pedagógica é um órgão de apoio à direção. Para discussões, informações e decisões são realizadas reuniões durante o ano letivo, conselho de gestão uma vez por mês e conselho de curso de dois em dois meses.

Faz parte do projeto o mecanismo institucionalizado ao qual estão vinculados os cursos que estão sendo oferecidos à sociedade. Tal mecanismo visa à adequação permanente de seus produtos/serviços às demandas de mercado e é constituído pelo conselho técnico consultivo, que objetiva a colaboração com a direção da unidade, assessorando quanto à identificação das necessidades dos setores produtivos. E é regido por normas constitutivas.

De acordo com o projeto (2002, p. 39), os objetivos do curso são:

Objetivo geral

Capacitar profissionais em nível tecnológico para o desenvolvimento de atividades tecnológicas e de produção mecânica, intervindo nos processos produtivos e de controle, contribuindo para o incremento da produtividade e a melhoria da qualidade nas empresas da área metal-mecânica.

Objetivos específicos

- Capacitar os alunos em nível superior para supervisão e execução dos processos de produção mecânica que exigem conhecimento tecnológico;
- Desenvolver uma base teórica e experimental dos processos industriais que envolvem sistemas de produção mecânica;
- Desenvolver competências em gestão de processos de produção e de pessoas;
- Desenvolver competências para a melhoria da qualidade ambiental, focado nas normas vigentes.

Assim, considera-se como objetivos do curso, a fim de se realizar o atendimento com relação à necessidade do mercado por profissionais para atuar na produção mecânica, atingir competência em programação, supervisão e otimização de processos de produção mecânica e implantação de sistemas de qualidade.

O projeto do curso foi criado por uma equipe de docentes da instituição e é composto por alguns quesitos necessários para se fazer valer, como: dados que dizem respeito ao jurídico: legislação, trâmites, mantenedora, como também informações gerais do curso em questão e organização e desenvolvimento curricular, competências definidas por disciplinas, fluxograma do curso.

Esta análise constitui-se de parte do projeto do curso superior em fabricação mecânica, como também do questionário aplicado aos egressos do curso em questão. É relevante analisar parte do projeto do curso, visto que é o contexto acadêmico onde o aluno está inserido, a proposta que está sendo oferecida ao aluno, qual é o papel da instituição formadora ao propor o curso. Somando-se com a análise do discurso do aluno diante da proposta do curso.

2.1. Condições de produção

Conforme Orlandi (2002), as condições de produção abrangem essencialmente os sujeitos e a situação (imediata e ampla, histórico-social).

O contexto imediato no projeto de curso em questão é a instituição em que o projeto foi desenvolvido e aplicado; os sujeitos que o desenvolveram atuam em grupos definidos como: comitê de gestão, conselho de educação da instituição X, conselho de curso, coordenação de curso, núcleos de negócios, diretoria e coordenação pedagógica. Nesse nível já é possível detectar os vários elementos/setores, hierárquicos ou não, que condicionam a formulação do projeto de curso, e através dos quais, dadas as competências específicas, contradições podem ser geradas e ao mesmo tempo ser administradas para a produção de algo com unidade e coerência como efeito – efeito de ordem e consistência. Cada qual ocupava um lugar social, determinada função que pode ser considerada hierárquica ou não, mas cada um tem o seu papel com relação ao desenvolvimento do curso e suas responsabilidades a fim de que esta produção seja gerada de forma coerente e consistente – que faça sentido no meio acadêmico.

Assim explicita Orlandi (2006, p.16):

Segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, importa se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc. Cada um desses lugares tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força.

Com relação ao contexto imediato, ainda pode-se identificar que a necessidade do mercado de trabalho da região também influenciou no desenvolvimento deste projeto de curso, visto que a região nordeste do Estado de Santa Catarina constitui um polo industrial no que diz respeito ao desenvolvimento técnico e tecnológico na área de motores e vestuário. Com relação também ao perfil do público-alvo do curso em questão, destaca-se o modo como a instituição elaborou o projeto, o que a empresa espera do curso e os possíveis resultados que estes profissionais darão à empresa, também no que se refere à elaboração das competências

finais do formado, as quais equivalem aos conhecimentos que o profissional deverá ter no final do curso; interesse da instituição em oferecer este curso e da empresa em contratar profissionais com conhecimentos técnicos e tecnológicos.

Já o contexto amplo se configura a partir dos efeitos de sentido da criação do curso de tecnologia com relação ao contexto histórico da política nacional e econômica – visto que os sentidos dependem das conexões estabelecidas pelas formações discursivas. E neste caso, o parâmetro nacional influenciou também a necessidade de se projetar este curso, voltado à formação tecnológica. Grandes empresas no setor de tecnologia investem no aperfeiçoamento e formação de pessoal, com o objetivo de prover a demanda de profissionais especializados e habilitados para novos postos de trabalho, consequência recente da evolução tecnológica.

O desenvolvimento tecnológico exige um profissional com conhecimentos pertinentes à função que se desempenha na empresa.

O que a história do capitalismo, conjugada ao desenvolvimento tecnológico, influenciou na etapa da elaboração do projeto, em volta de todos os dizeres sobre o capitalismo e o desenvolvimento tecnológico. Visto que as palavras não são somente nossas, há um significado do que é dito pela história e pela língua.

Toda pesquisa que o núcleo de relação com clientes da direção regional realiza traz à instituição um diagnóstico da demanda de mercado. Este panorama histórico da necessidade (criada) do mercado quanto à formação tecnológica favorece e encoraja a instituição ao desenvolvimento do curso. No curso do panorama histórico se imbrica, como elo, dando continuidade ao sentido, o que é visto como necessário em termos de formação tecnológica e acadêmica. Explica Orlandi (2006, p.18):

Para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela já faça sentido (efeito do já-dito, do interdiscurso, do Outro). A isso é que chamamos historicidade na análise do discurso. Chamamos de efeito de pré-construído, a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja em efeito de já dito sustentando todo o dizer.

Um ponto decisivo e oportuno para um país emergente, como o Brasil, é a constante busca por caminhos a fim de atingir um nível de produção, renda e distribuição adequada às necessidades da sociedade; é a analogia entre os investimentos em pesquisas, desenvolvimentos (P&D) e o aumento sustentado do país, de maneira especial no atual contexto de um mundo globalizado.

A indústria atual está determinando a busca de equipamentos e componentes cada vez mais sofisticados em todos os departamentos produtivos – necessitando então, de conhecimentos com um certo grau de profundidade dos materiais utilizados para o desenvolvimento de seus produtos.

A geração de inovação está sujeita, basicamente, à ação das empresas, todavia, o grau da falta de informações sobre os instrumentos que existem, sobretudo nas micro e pequenas empresas, é elevado. Além disso, há uma lacuna com relação à harmonia das leis vigentes e uma significativa dificuldade quanto ao acesso aos estímulos.

A inovação tecnológica faz aumentar a competitividade da indústria brasileira. A oferta de produtos e serviços de qualidade e de maior valor agregado favorece a inclusão do Brasil no comércio mundial. Propõe, assim, desafios para a política nacional de inovação.

O sucesso do setor industrial na próxima década dependerá da criação de um ambiente próprio à inovação, com um olhar adequado aos negócios, além de uma infraestrutura tecnológica e centros de conhecimento com capacidade de transformar pesquisas em resultados.

Conforme Weisz (2009, p. 21),

Numa época em que boa parte das grandes aquisições de empresas, fusões e negociações, no mundo, giram em torno de tecnologia, esta deixou de ser um adereço no meio dos ativos de uma organização. Tecnologia foi alçada a uma posição central na estratégia de negócios nas economias desenvolvidas e nos países emergentes.

O conhecimento sobre a importância de uma tecnologia adequada pode significar a distinção entre o sucesso ou a falência das empresas. A avaliação da tecnologia torna-se relevante neste contexto, visto que é necessária na suposição, na formulação, no planejamento de projetos de inovação tecnológica e na decisão de investimentos.

Segundo Weisz (2009, p. 24), “um projeto de desenvolvimento tecnológico não implica necessariamente a obtenção de produtos e processos radicalmente novos. O desenvolvimento tecnológico não necessariamente representa uma ruptura tecnológica.” Entende-se, assim, que a maior parte das inovações tecnológicas consiste em aprimoramentos realizados nos produtos ou processos de uma determinada empresa.

Normalmente, o desenvolvimento incide, imperceptivelmente, no próprio gestor, visto que pode ser executado no chão de fábrica, caracterizando-se uma rotina operacional do empreendimento, sem destaque na operação com relação ao valor do desenvolvimento tecnológico.

Fica claro que o investimento no desenvolvimento tecnológico em empresas, tanto de processos como de produtos, acontece no percurso dos exercícios rotineiros e se desfaz na rotina operacional, sem a existência de qualquer planejamento dessa atividade. Consequentemente, o gasto ocorre de forma incoerente, fazendo com que a empresa não tenha condições de identificar nem de prever o que está sendo investido em tecnologia. Como consequência, diz Weisz,

[...] a empresa não é capaz de tomar decisões gerenciais antecipadas quanto à conveniência e à dimensão do investimento a ser realizado, não consegue antecipar a identificação de fontes de recursos para esses investimentos e assegurar que estejam disponíveis quando necessário, nem de usufruir dos benefícios eventualmente oferecidos por meio de mecanismos públicos de estímulo e apoio ao desenvolvimento tecnológico nas empresas. (WEISZ, 2009, p.24)

As organizações estão cada vez mais dependentes de investimentos em inovação tecnológica, tendo em vista que a tecnologia é um fator categórico na concorrência das empresas. Nem sempre uma organização pode, simplesmente, adquirir a tecnologia pronta, é essencial que também desenvolva a sua tecnologia, todavia o custo do desenvolvimento tecnológico é cada vez maior.

Vê-se, então, a necessidade de profissionais formados e competentes na área tecnológica, a fim de favorecer o progresso das empresas. O conhecimento tecnológico faz a diferença entre o imprevisto rotineiro na ambiente de trabalho e a evolução do empreendimento, e os resultados positivos são visíveis quando dizem respeito à qualidade do produto.

Preocupar-se com investimento, desenvolvimento de um produto, aprimoramento de um processo é uma função determinante dentro de uma empresa, pois com relação à competitividade do mercado, a decisão em investir em novas tecnologias, apesar de gerar, inicialmente, um custo a mais para a organização, terá o lucro garantido – visto que a tecnologia faz parte do mercado, ou melhor, do progresso.

Retomando Weisz:

Para uma organização, é importante avaliar a tecnologia em que se propõe a investir, não só para saber o valor do ativo intangível que a organização incorpora a seu patrimônio e, portanto, o valor que agrega à organização. Para a empresa que desenvolve tecnologia para licenciá-la ou, de outra forma, negociá-la, a avaliação da tecnologia será uma base de preço a partir da qual ela poderá negociar a tecnologia desenvolvida, caso esse seja seu objetivo. (WEISZ, 2009, p.29)

Com referência ao valor da tecnologia é que a empresa definirá o investimento tecnológico apropriado para determinado objetivo. Não esquecendo que a tecnologia ocupa uma posição central na estratégia de negócios nas capitalizações alargadas e nos países emergentes. Assim, apreciar o valor de uma tecnologia pode denotar a diferença entre o sucesso ou colapso dos empreendimentos.

O valor da tecnologia constitui-se em um conceito cujo sentido se dá a partir de sua inserção no contexto. Dessa maneira, o valor da tecnologia é atingido pelo desejo, muitas vezes de cunho emocional, que tal tecnologia provoca pelo episódio de algum acontecimento que torna a tecnologia mais vantajosa.

Assim, Beitz (*et al.*) enfatiza:

Face à grande importância do desenvolvimento de produto no momento certo e que desperte interesse por parte do mercado, torna-se necessário um procedimento para desenvolvimento de boas soluções, que seja planejável, flexível, otimizável e verificável. Tal procedimento só é aplicável quando, além do necessário conhecimento especializado, os projetistas souberem trabalhar de modo sistemático e essa metodologia de trabalho exigir ou for auxiliada por medidas organizacionais. (BEITZ (*et al.*) (2005, p. 5)

A importância da tecnologia não equivale ao valor investido para desenvolvê-la, mas se vincula à expectativa de lucros futuros. E é isso que as empresas buscam, lucratividade em seus negócios para seu próprio crescimento e, conseqüentemente, desenvolvimento do País. Quanto mais a empresa se desenvolve, mais a população pode se beneficiar, por meio da aquisição dos produtos, oportunidades de trabalho e desenvolvimento intelectual.

O desenvolvimento tecnológico vai desde a indústria agrícola à indústria de motores, desde a indústria automobilística à residência das pessoas. Enfim, o desenvolvimento tecnológico abrange todas as áreas produtivas, e a necessidade de inovação nesta área é constante, o que leva os profissionais a se atualizarem continuamente.

Para cada campo há uma inovação tecnológica; o gerenciamento e o controle de energia em edifícios amplos apresentam uma superfície que vem ascendendo com as aplicações de controle computacional qualificado – tal como explica Cetinkunt:

Os eletrodomésticos são cada vez mais controlados por microprocessadores, em vez de permanecerem dispositivos apenas eletromecânicos. Por exemplo, fornos antigos usavam relés e controladores de temperatura analógicos para controlarem o elemento de aquecimento no forno. Os fornos novos utilizam um microcontrolador para controlar a temperatura e a temporização da operação do forno. Mudanças similares aconteceram em muitos outros eletrodomésticos usados nas residências, tais como as lavadoras e as secadoras. (CETINKUNT, 2008, p.11)

Dessa maneira, torna-se perceptível o quanto a evolução tecnológica está presente em nosso cotidiano, sobretudo nos lares das pessoas. No entanto, não se reflete o quanto já foi investido para que a tecnologia esteja sempre em ascensão para satisfazer necessidades e oferecer conforto para a população. A cada novo ano, novas tecnologias surgem no mercado,

novos estudos são realizados para que, assim, haja continuidade com relação ao desenvolvimento tecnológico.

2.2. Posição-sujeito

As condições de produção envolvem três situações: *o que é material*, sendo a língua sujeita a engano e a historicidade; *o que é institucional*, ou seja, a ordem da formação social; e *o mecanismo imaginário*. São produzidas imagens dos sujeitos e do objeto do discurso; quanto à produção de imagens do sujeito, refere-se à posição do sujeito locutor, à posição do sujeito interlocutor e o objeto do discurso, estabelecendo-se a relação ao conteúdo de que se fala. Quanto a esse movimento de produção de imagens, diz Orlandi (2002, p. 40):

É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante.

Assim, é possível verificar, com relação à proposta do curso, os vários sujeitos do imaginário, pois cada qual ocupa um lugar social em determinado contexto, identificando, dessa forma, a posição-sujeito de que fala o corpo docente na elaboração desse projeto de curso, estando este na posição de sujeito locutor, com a responsabilidade de desenvolver esse projeto de acordo com a atuação da instituição de ensino naquela comunidade, tanto em atividades administrativas como pedagógicas. E mais, tem o comprometimento para com as empresas da oferta do curso, formando alunos com habilidades e competências adequadas à necessidade do mercado de trabalho e responsabilidade com os alunos de que sairão com a formação esperada, de modo a poderem atuar nas empresas de forma competente.

A empresa é o Outro, enquanto sujeito, é a imagem que a instituição de ensino (locutor) faz das indústrias para, assim, referenciar no momento da elaboração do projeto do curso; é a “quem” se espera conquistar, espera-se suprir a necessidade que as empresas têm de contratar um profissional que seja capaz de desempenhar adequadamente determinadas atividades profissionais.

O sujeito é interpretado pela história, a história em que se vive no momento da execução do projeto; o aluno também é o outro, enquanto sujeito, é a quem que se pretende oferecer este curso, é o sujeito determinado pela história na constituição dos sentidos, ou seja, no desenvolvimento das competências de formação ao aluno. Através das competências, que determinam os saberes que o aluno irá adquirir no decorrer do curso, tenta-se convencê-lo de que o curso, realmente, fará a diferença em sua vida profissional. O aluno, enquanto interlocutor nesse contexto, almeja esta formação, a fim de galgar novas oportunidades de trabalho. Pelo menos, é o que lhe propõem como adequado e necessário para essa formação. Em qualquer posição, nesse conjunto, há certo nível de determinação que apaga as possibilidades de opção, conforme explicita Orlandi (2001, p. 107):

Uma vez interpelado em sujeito, pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), frente ao Estado e aos outros homens.

O aluno, além de estar posicionado como o outro a quem se destina, virtualmente, a proposta (como posição-sujeito do endereçamento, interlocutor) no contexto histórico, tem o papel de funcionário da empresa: o aluno é o sujeito, no contexto da empresa, que exerce sua função, realiza trabalhos e desenvolve sua aptidão diariamente; subordina-se às normas da empresa, objetivando atingir as metas da empresa – enfim, no seu ambiente de trabalho também assume-se sujeito. Ele vê a oportunidade de poder assumir outras responsabilidades na empresa.

Todavia, esse sujeito (interlocutor) tem mais uma posição que é ocupada por ele, a de aluno, constituindo-se, assim, no contexto acadêmico. A materialidade dos lugares dispõe a atuação dos sujeitos (ORLANDI, 2001) e, concomitantemente, a eventual resistência de tais sujeitos, o que pode provocar deslocamentos que vão materializar outros lugares.

Mariani (2000)¹, em seu texto “Sujeito e sentido: efeitos de linguagem”, compreende que o sujeito se apresenta constituído e mediatizado pelo simbólico.

Se, de um lado, no teatro da consciência se organiza sócio-ideologicamente a relação imaginária do sujeito com a transparência dos sentidos, ou seja, com ‘as evidências da realidade’ daquilo que lhe é dado falar, ver, ouvir, pensar, apagando o fato de que o sujeito resulta de um processo, por outro, instauram-se na ordem própria do significante as repetições (paráfrases, entendidas não como reprodução do idêntico) e deslocamentos (processos metafóricos) que tanto podem re-instaurar uma ilusão do ‘mesmo’ como, dando suporte ao imprevisível, abrir para a multiplicidade (polissemia), desarticulando, deste modo, na realidade imaginária, a identificação do outro.

Orlandi (2001, p. 99) mostra que

[...] o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva).

Um sujeito (locutor coletivo, institucional, portanto complexo) elabora o projeto, destinado a dois sujeitos (interlocutores), ou melhor, duas posições-sujeito, numa situação social específica, com resultados previstos (dadas as competências explicitadas para o curso, tanto para o sujeito empresa como para o sujeito aluno.

Quanto ao objeto de discurso, do que se fala, que é o projeto do curso, vê-se que ele é um documento que possui duas finalidades: atender as empresas da região com a formação tecnológica e formar os alunos para que estes possam desempenhar um papel na empresa com formação adequada – ou seja, podendo atuar na produção mecânica, tendo competência no que diz respeito à programação, supervisão e melhoramento dos processos de produção mecânica. Também devem ser competentes para implantar sistemas de qualidade.

2.3. Memória discursiva e não-dito

Nas condições de produção também se torna perceptível o papel da memória. Na Análise de Discurso, a memória é tratada como interdiscurso (ORLANDI, 2002), definido como algo que é dito antes, em lugares independentes. Assim, é possível perceber nesta análise, quanto ao interdiscurso, o que já se construiu, discutiu, que foi dito ou que se espera de um tecnólogo; em relação à formação de tecnólogos está, de certa maneira, tendo

¹ Texto não paginado.

significado nas competências: a constituição dessas competências é consequência de experiências de algo já dito por determinados sujeitos relacionados com a ideologia: experiência profissional, conhecimento técnico e tecnológico, mercado de trabalho. Neste caso, sendo os sujeitos profissionais da área tecnológica, empresários, docentes e o público-alvo do curso em questão, os alunos.

Conforme é possível verificar na parte introdutória deste estudo com relação à empresa, vê-se uma preocupação perseverante em desenvolver processos inovadores e eficientes capazes de responder com eficácia às mudanças contínuas no mercado, (competição), satisfazendo os clientes. A empresa valoriza a busca pelo melhor, com inovações tecnológicas e formação efetiva de seus empregados, objetivando sua permanência enquanto referência no relacionamento com sua clientela. Assim, entende estar valorizando o desenvolvimento do ser humano com relação ao desempenho de suas funções e produtos.

Nesse mundo simbólico e pragmático, se, como expressa Orlandi (2001, p. 102) “[...] de um lado, a linguagem tem sua parte na injunção a significar, de outro, o mundo exerce sua força inexorável.”

A instituição formadora, em consonância com a empresa, objetiva o desenvolvimento de competências atreladas ao mercado de trabalho. Oferece, dessa forma, cursos visando ao perfil profissional adequado à demanda do mercado de trabalho, visto que a inserção do aluno na indústria é o seu destaque. Os cursos superiores de tecnologia são oferecidos a egressos do ensino médio e técnico; o grau de tecnólogo permite dar sequência aos estudos em pós-graduação. A carga horária de um curso superior de tecnologia é menor se comparada à de cursos superiores de bacharelado, pois a formação é objetiva, com enfoque em conhecimentos direcionados à aplicação e desenvolvimento de tecnologia, gestão de processos de produção e desempenho de competência empreendedora.

A instituição também descreve, em seu projeto de curso, as competências que os alunos terão de adquirir até ao final do curso. Assim, para que o aluno chegue ao final do curso preparado para o mercado de trabalho, ele terá de possuir as seguintes competências (note-se que na maioria das competências listadas abaixo emerge a palavra “técnica”):

A - Utilizar os conhecimentos, os recursos e as técnicas da área de mecânica para a definição de processos de fabricação de componentes mecânicos através da análise das especificações técnicas, observação das normas técnicas e de segurança, planejamento das atividades, leitura e interpretação de desenhos mecânicos e lay-out.

B - Coordenar e assistir tecnicamente os profissionais que atuam na produção de componentes mecânicos.

C - Realizar estudos para otimização dos processos produtivos através de técnicas de melhorias da qualidade e produtividade, de utilização de conhecimentos de planejamento e controle de produção, custos industriais, normas operacionais, de elaboração de procedimentos, inspeção e auditorias.

D - Utilizar os recursos e técnicas de informática aplicados à computação gráfica (cad), geração de programas de usinagem (cam), integrando com máquinas a comando numérico computadorizado (cnc).

E - Avaliar as características e propriedades dos materiais, insumos e elementos de máquinas correlacionando-as com seus fundamentos matemáticos, físicos e químicos para a aplicação nos processos de controle de qualidade.

F - Aplicar normas técnicas de saúde e segurança no trabalho.

G - Coordenar e desenvolver equipes de trabalho, aplicando métodos e técnicas de gestão administrativas de pessoas.

H - Avaliar a necessidade de projetos para automação de dispositivos e processos de manufatura.

I - Coordenar a implantação de sistemas da qualidade nos processos de produção mecânica.

J - Correlacionar os conceitos de preservação do meio ambiente e recursos renováveis. (2002, p. 41)

Ainda, o projeto de curso terá outro sentido enquanto instituição, comprometimento com a sociedade e com os alunos, quanto à formação acadêmica, pois a busca pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual tem um papel relevante diante da sociedade, visto que se espera de um ser humano com formação acadêmica uma visão mais crítica de algumas situações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas. Porém, examinando a proposta, isso não é dito. Esta atribuição de responsabilidade quanto à formação intelectual de um acadêmico não está dita no projeto de curso, todavia o não-dito neste momento é que diz (diz da falta).

Conforme Orlandi (2002), o dito tem relação com o não dizer, então entende-se que o que está implícito também é algo a ser analisado no processo de análise do discurso. Sendo assim, é possível identificar o não-dito na proposta curricular do Curso Superior de Tecnologia em Processos de Produção Mecânica em relação às competências necessárias para o aluno ao final do curso.

O fato de dizer é aberto, o sentido está sempre em curso, não existe sentido sem silêncio. (Orlandi, 1996).

Observar os fatos de linguagem e vem a ser considerá-los em sua historicidade, enquanto eles representam um lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento. Em suma, olharmos o texto como fato, e não como um dado, é observarmos como ele, enquanto objeto simbólico, funciona. (ORLANDI, 1996, p. 58)

E, por fim, há o dizer do aluno, enquanto acadêmico, o qual está em busca de conhecimentos, formação acadêmica e tecnológica, a fim de galgar outras possibilidades no mercado de trabalho. Seus interesses são ditos, tornam-se explícitos no momento em que são expressadas tais aspirações; são palavras proferidas que exprimem sentido, sentido de acreditar que realmente tal formação, tal curso fará a diferença em sua vida profissional. São depositados créditos na instituição formadora com relação aos conhecimentos e competências propostos no projeto. Então a palavra faz sentido, uma vez que apoiada em discurso que a sustentam – mas pode ser um sentido meramente parafrástico, uma repetição que significa uma valoração positiva, sem qualquer deslocamento de posição. “Quando a palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.”(ORLANDI, 1996, p.52)

Assim, o interdiscurso constitui-se da ordem do saber discursivo que os sujeitos concernidos, incluindo o aluno, já possuem, porém a memória (nas formações correspondentes) é afetada pelo esquecimento, de modo que os sentidos produzidos têm a marca do que já é dado, já dito.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2002, p. 33)

Na formação discursiva o projeto do curso é visto conforme o modo como cada sujeito se inscreve. Se visto pelas pessoas que o elaboraram, terá um sentido relativo às pretensões – um curso direcionado a alunos que buscam uma formação tecnológica e conhecimentos direcionados à formação humana, objetivando a ascensão profissional e a necessidade da

empresa em ter esse profissional empregado e desenvolvendo o produto de maneira a que a empresa obtenha mais produção e qualidade, conseqüentemente, mais venda e mais lucro. Se visto pelos alunos, a quem o curso é destinado, terá uma aceção direcionada às aspirações profissionais e acadêmicas, visto que a busca pelo conhecimento e pela formação adequada é uma constante na vida profissional dos colaboradores das grandes e pequenas empresas. Tal projeto terá o significado de diploma, de oportunidades, de desenvolvimentos e de salários mais elevados. É, pois, uma visão bem enquadrada nos discursos em funcionamento.

A memória é discursiva “trabalha” a partir do esquecimento. Com relação ao desenvolvimento do projeto, é possível identificar funcionamento da memória discursiva (circunscrita pelo espaço institucional em questão) em diferentes circunstâncias no contexto das condições de produção do projeto: o curso, as competências, o perfil do aluno, a necessidade das empresas. Em cada momento, o sentido das palavras se apresenta de maneira particular – ou seja, quando se fala sobre algo, deve-se pensar no que a palavra permite significar, não somente no que se tem a intenção de dizer: a memória vai impregnar o que é enunciado. Como lembra Orlandi (2006, p. 22), “[...] todo dizer se acompanha de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória.” A autora está dizendo que enunciações já ditas e esquecidas, de certo modo irrepresentáveis, correspondem ao interdiscurso, esse Outro cuja particularidade é ser um exterior que labora incessantemente na constituição do discurso.

Pêcheux (1988, p. 56) deixa claro que:

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

É aí que Pêcheux (1988, p. 56) vê “a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior”, quer dizer, é esse real histórico que determina que “nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior”.

Em nota de rodapé, Mariani (2000) escreve que a memória discursiva faz com que haja associação entre o sujeito e determinadas redes de sentido, por meio da relação com o social e histórico. Também Orlandi (2002, p. 43) enfatiza: “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.”

3. Conclusão

Assim, conferiu-se neste estudo aspectos do projeto de um curso superior de tecnologia com relação às condições de produção, posição-sujeito, memória discursiva, silêncio e o não-dito.

Vê-se o aluno em dois papéis enquanto sujeito, um sujeito possuidor de uma história; ocupando um lugar na empresa como funcionário, desempenhando determinada função profissional, como também, cumprindo com obrigações pertinentes ao acadêmico devidamente matriculado em um curso de tecnologia, onde seu papel é de aluno, de alguém que está em busca de uma formação profissional e acadêmica.

Dessa forma, nota-se a atuação da instituição formadora, a qual tem a responsabilidade com a sociedade, empresas e o aluno – proporcionando, dessa forma, o aperfeiçoamento técnico e tecnológico do aluno a partir dos cursos que são oferecidos.

O aluno possui certa responsabilidade com relação ao curso oferecido, visto que terá de aplicar na empresa os conhecimentos adquiridos no decorrer de todo o processo de ensino-

aprendizagem. A empresa espera um profissional capaz de realizar tarefas com autonomia e competência.

As condições de produção, posição-sujeito, memória discursiva e o não-dito são parte do projeto do curso de tecnologia, visto que é necessário se ter um...

A memória discursiva “trabalha” a partir do esquecimento. Com relação ao desenvolvimento do projeto, é possível identificar funcionamento da memória discursiva (circunscrita pelo espaço institucional em questão) em diferentes circunstâncias no contexto das condições de produção do projeto: o curso, as competências, o perfil do aluno, a necessidade das empresas.

Referências

- BEITZ, Wolfgang (et al.) *Projeto na engenharia: fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações*. Tradução: Hans Andreas Werner. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. p. 01-10.
- CETINKUNT, Sabri. *Mecatrônica*. Tradução e revisão técnica Jorge Luís do Amaral, José Franco Machado do Amaral. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 1-15.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzi (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 11-31.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- MARIANI, Bethania. Sujeito e sentido: efeitos de linguagem. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. 13. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.